MEDICALIZAÇÃO DO SOFRIMENTO PSÍQUICO NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA: SHARK – QUEM É O TUBARÃO DE QUEM? CULTURA DA PERFORMANCE, ANESTESIA AFETIVA E CONSUMO DE ANTIDEPRESSIVOS

Israel Felipe Ferreira Miranda; Izabella Ferreira Brás de Souza; Natália Nascimento Barbosa*

Professora Orientadora: Carla Oliveira Cruz Ribeiro

RESUMO

Este artigo teve como objetivo, analisar a medicalização do sofrimento psíquico na sociedade contemporânea, relacionando-a à cultura da performance e da produtividade, bem como as possíveis repercussões socioambientais do consumo excessivo de medicamentos. Com base no tema: Medicalização do sofrimento psíquico na sociedade contemporânea: Shark – quem é o tubarão de quem? Cultura da performance, anestesia afetiva e consumo de antidepressivos, foi realizada uma pesquisa bibliográfica, de abordagem qualitativa e natureza exploratório-descritiva sem coleta de dados primários. Para tal, foram utilizadas as bases de dados científicas indexadas (SciELO, ResearchGate, SCRIBD,BVS/Biblioteca Virtual em Saúde), além de artigos, livros e revisões publicados preferencialmente entre 1975 e 2026. Este estudo justificou-se pela necessidade de discutir a medicalização do sofrimento humano sem cair em dois extremos: de um lado, a negação ou minimização dos transtornos mentais e da necessidade de tratamento; de outro, a transformação de experiências cotidianas em doenças que precisam ser eliminadas. Partiu-se da hipótese de que a cultura contemporânea da performance, marcada pela valorização da produtividade, imediatismo e baixa tolerância ao sofrimento, pode favorecer a medicalização de experiências humanas cotidianas, fenômeno atravessado por fatores culturais, econômicos, institucionais e subjetivos, com repercussões também relacionadas ao consumo e descarte de medicamentos. Compreendeu-se como a modernidade líquida, a cultura da performance e a exigência de iniciativa e eficiência influenciam a experiência contemporânea do sofrimento. A literatura pesquisada defendeu a importância de olhar para a saúde mental integrando aspectos sociais, subjetivos e biológicos para evitar tanto o diagnóstico equivocado, quanto à medicação desnecessária no tratamento das doenças e transtornos mentais, aliando a escuta psicológica para favorecer o tratamento na sua integralidade.

Palavras-Chave: Medicalização. Sofrimento Psíquico. Cultura da Performance. Consumo de Antidepressivos.

*Alunos do curso de graduação em bacharel em Psicologia do Centro Universo Belo Horizonte.

1 INTRODUÇÃO

Este artigo teve como objetivo, analisar a medicalização do sofrimento psíquico na sociedade contemporânea, relacionando-a à cultura da performance e da produtividade, bem como as possíveis repercussões socioambientais do consumo excessivo de medicamentos. Com base no tema: Medicalização do sofrimento psíquico na sociedade contemporânea: Shark – quem é o tubarão de quem? Cultura da performance, anestesia afetiva e consumo de antidepressivos, foi realizada uma pesquisa bibliográfica, de abordagem qualitativa e natureza exploratório-descritiva sem coleta de dados primários. Para tal, foram utilizadas as bases de dados científicas indexadas (SciELO, ResearchGate,SCRIBD,BVS/Biblioteca Virtual em Saúde, além de artigos, livros e revisões publicados preferencialmente entre 1975 e 2026, em português e inglês com tradução.

Este estudo justificou-se pela necessidade de discutir a medicalização do sofrimento humano sem cair em dois extremos: de um lado, a negação ou minimização dos transtornos mentais e da necessidade de tratamento; de outro, a transformação de experiências cotidianas em doenças que precisam ser eliminadas.

Partiu-se da hipótese de que a cultura contemporânea da performance, marcada pela valorização da produtividade, imediatismo e baixa tolerância ao sofrimento, pode favorecer a medicalização de experiências humanas cotidianas, fenômeno atravessado por fatores culturais, econômicos, institucionais e subjetivos, com repercussões também relacionadas ao consumo e descarte de medicamentos.

Nesse contexto, pretendeu-se discutir a modernidade líquida, o imediatismo e a fragilidade das referências e vínculos; a partir de Hannah Arendt e de sua reflexão sobre a cultura de massas e os efeitos no relacionamento entre sociedade, cultura e meio ambiente.

A sociedade contemporânea é marcada pela busca incessante de produtividade, desempenho, velocidade, disponibilidade, autocontrole e adaptação. Sendo assim, as fragilidades humanas como: tristeza, frustração, luto, angústia, solidão, esgotamento e crises existenciais, muitas vezes, são compreendidas como falhas individuais que precisam ser rapidamente superadas. Diante disso, formulou-se o seguinte problema de pesquisa: de que maneira a cultura da performance e da produtividade podem contribuir para a medicalização do sofrimento psíquico na sociedade contemporânea, e quais repercussões esse processo poderá produzir nas práticas de cuidado e no meio socioambiental?

Na organização da literatura, primeiramente foram apresentados alguns conceitos relevantes, esclarecendo os limites entre sofrimento psíquico, sofrimento social e transtorno mental; em seguida foram abordados respectivamente: a medicalização e patologização da vida cotidiana; as relações entre cultura da performance e produtividade; a intolerância ao sofrimento e a transformação das experiências humanas em adoecimento; o tratamento farmacológico com antidepressivos; e por fim, os impactos socioambientais dos resíduos farmacêuticos.

Com foco nos impactos socioambientais decorrentes do uso exacerbado de antidepressivos, foi mencionado o Projeto EcoShark/UFRJ, por meio de fontes jornalísticas sobre a detecção de sertralina no tecido cerebral de tubarões-martelo capturados acidentalmente no litoral do Rio de Janeiro. As informações divulgadas indicam que o estudo investigou diferentes órgãos e que a substância apresentou concentração particularmente relevante no cérebro. Contudo, até as divulgações consultadas, os resultados ainda estavam em processo de submissão e revisão por pares e não havia evidência de que os animais tivessem sofrido alterações comportamentais ou fisiológicas em decorrência da exposição. Esse cuidado metodológico foi essencial: a presença do contaminante é um achado relevante, mas não equivale à demonstração de dano ecológico ou comportamental (ALONSO; VASQUEZ, 2026).

1.1 Referencial Teórico

1.1.1 Sofrimento Psíquico, Sofrimento Social e Transtorno Mental

O sofrimento psíquico decorre de experiências e situações cotidianas que afetam a subjetividade do indivíduo, como perdas, frustrações, conflitos internos, mudanças e crises existenciais, sem que isso resulte em uma doença ou transtorno mental aparente. Pode-se relacionar o sofrimento psíquico aos desafios cotidianos, sendo muitas vezes percebido a partir de sintomas tais como: dificuldade na concentração e na tomada de decisão, esquecimento, insônia, cansaço e ansiedade, além de queixas somáticas. O acolhimento envolve escuta, apoio emocional e intervenções psicossociais, sem depender necessariamente do uso de medicamentos (ANDRADE et al, 2016).

1.1.2 Sofrimento Social

Refere-se a aspectos estruturais, sociais e econômicos que impactam o indivíduo na coletividade, como desemprego, violência, racismo, pobreza, exclusão social dentre outros. Esse fenômeno irá influenciar significativamente a saúde mental do indivíduo, no contexto social no qual ele está inserido, podendo gerar desigualdades e vulnerabilidades. Sendo assim, o sofrimento social exige intervenções por meio de políticas públicas de inclusão social para amenizar esse desequilíbrio.
(BEZERRA et al., 2025)

1.1.3 Transtorno Mental

Pode ser definido como um conjunto de sintomas clínicos e comportamentais que causam sofrimento significativo, interferindo nas funções cognitivas e emocionais do indivíduo, comprometendo sua funcionalidade, originalmente apresentam indicações químicas e genéticas, de acordo com o Manual de Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM) e na Classificação Internacional de Doenças (CID).
Para a Atenção Básica à Saúde (ABS), necessitam de atenção especializada, como: avaliação e suporte do Núcleo de Apoio à Saúde da Família (NASF) com categorias da saúde mental, acompanhamento médico, prescrição medicamentosa, além de encaminhamentos quando necessário, para serviços de maior complexidade como os Centros de Atenção Psicossocial (CAPS) e hospitais.
Para Pinheiro; Albuquerque (2014), os transtornos mentais podem ser considerados desde a nomenclaturas clássicas, como histeria, esquizofrenia, neurose obsessiva, melancolia, até estados indefinidos de mal-estar ou situações existenciais mais complexas, como envelhecimento, divórcio, desemprego, dentre outros.
Embora cada sofrimento tenha suas peculiaridades, os três possuem relações entre si, o sofrimento social pode gerar sofrimento psíquico, e ambos podem contribuir para o desenvolvimento ou agravamento de um transtorno mental. É relevante uma compreensão aprofundada desses fenômenos para práticas de saúde mental que considerem os aspectos individuais, sociais e clínicos, evitando interpretações errôneas e equivocadas (BEZERRA et al*.,* 2025).

Para Nascimento et al *(*2021), a doença mental não pode ser considerada de maneira isolada no indivíduo, ela está além do biológico, tendo em vista que a sociedade na qual ele vive, a partir das convenções sociais, irá determinar quem é “normal ou anormal”.

1.2 Medicalização e patologização da vida cotidiana

O conceito de medicalização constitui o eixo conceitual central da pesquisa. Medicalização pode ser compreendida como o processo pelo qual fenômenos anteriormente situados fora do campo médico passam a ser definidos e manejados como problemas médicos. A literatura enfatiza que o fenômeno é socialmente complexo e envolve múltiplos atores, incluindo profissionais, instituições, Estado, indústria, mídia, tecnologias e grupos sociais. Por isso, a análise não deverá reduzir a medicalização a uma relação unilateral entre indústria farmacêutica e paciente.

A medicalização consiste em um fenômeno predominantemente sociocultural, contudo apresenta tendências históricas, políticas e econômicas, tendo como foco principal, a nova interpretação de comportamentos que anteriormente não eram reconhecidos como médicos, serem transformados em "coisa médica" (AZEVEDO, 2025).

Essa transformação provoca a alienação das pessoas acerca da sua própria saúde, estimulando o uso indiscriminado de fármacos, o que contribui para a artificialização do corpo e da mente humana (AZEVEDO, 2025).

Para exemplificar, observa-se o apelo cada vez maior nas redes sociais direcionado ao campo da saúde mental, que seduz na mesma proporção que cria, orienta, com indicação de inúmeros tratamentos e profissionais, mesmo sem uma adequada formação, mas o que os definem como capacitados, é o número de seguidores, a intensidade de seus discursos, engajamentos, likes, transformando diagnósticos em produtos de livre comercialização.

Para Birman (2012), o que está em questão é a crença absoluta na droga como instrumento terapêutico por excelência da psicopatologia na pós-modernidade. Para ele, vivemos na "cultura das drogas", que se constitui como resposta imediata ao mal-estar e ao sofrimento do sujeito.

> Segundo Birman (apud Azevedo, 2025 p.1), vivemos a denominada “cultura das drogas”, que se configura como uma resposta ao mal-estar através da qual o sujeito, sem acreditar que possa fazer algo, busca o hedonismo e a sensorialidade para produzir algum gozo diante da dor e do sofrimento. O uso desenfreado de medicamentos e procedimentos que incide sobre o corpo almeja a redução drástica do mal-estar inerente à condição humana.

O processo de medicalização passou a ter relevante reconhecimento como objeto de estudo no campo da sociologia da saúde, a partir da segunda metade do século XX, sendo analisado criticamente por autores renomados que se debruçaram no assunto, como Michel Foucault, Peter Conrad e Ivan Illich (AZEVEDO, 2025).

Para Foucault (2008), a medicina no século XVIII, passou a exercer um papel relevante no controle e gestão do corpo, definindo regras de condutas para nortear comportamentos, e não apenas relacionadas a doenças, como também às questões relacionadas ao comportamento humano, como a sexualidade, fecundidade, fertilidade , dentre outros.

Segundo Conrad (2007), entende-se por medicalização, o processo pelo qual problemas que não são considerados médicos, passam a ser tratados como médicos, assim como os distúrbios e os transtornos. O autor ressalta que houve uma ampliação desse processo a partir dos anos 2000, com o surgimento de novos diagnósticos, como são os casos do transtorno de déficit de atenção e hiperatividade (TDAH), anorexia, síndrome do pânico, dentre outros.

Já Illich (1975) enfatiza o processo de medicalização a partir da noção de imperialismo médico. Esse termo faz alusão à invasão e à supervisão da medicina em todos os aspectos da vida cotidiana. E ainda descreve a produção da cultura medicalizada sob aspecto social e político, sendo o resultado da industrialização que trouxe consigo a profissionalização e a burocratização da profissão médica.

1.3 Sociedade contemporânea, cultura da performance e produtividade

Quanto ao fenômeno da pós-modernidade, abordaremos o conceito de modernidade líquida de Bauman (2001), é aquela cuja inversão de papéis resulta em uma sociedade que tende mais a aproximar o indivíduo aos modelos estruturais já estabelecidos; agora é ela, a própria sociedade, quem se aproxima à personalidade dos indivíduos. Nesse contexto, a solidez de um mundo marcado por certezas religiosas, políticas e socioculturais foi desmoronada, cedendo lugar a um mundo liquefeito, diluído e inconsistente.

Ainda de acordo com o autor (2001, p.89), “[…] enquanto a facilitação do desejo se fundava na comparação, vaidade, inveja e a necessidade de autoaprovação, nada está por baixo do imediatismo do querer. A compra é casual, inesperada e espontânea […].”

Para Sartre (1978), é nesse cenário caótico de instabilidade e fluidez que se manifesta a angústia existencial, impulsionada por um sentimento de liberdade com o qual o homem não sabe lidar, o colocando à margem de si mesmo, sendo o único responsável por seus atos – e essa relação com a liberdade lhe causa medo e insegurança.

Na sociedade contemporânea, cuja cultura da performance e produtividade são enaltecidas, evidenciam-se o individualismo, a fragilidade e a transitoriedade dos laços socioafetivos, a adoração da própria imagem, a exposição da vida cotidiana por meio das redes sociais, a glamourização de estilos de vida utópicos. Tudo isso, somado a baixos níveis de resiliência, despreparo no enfrentamento das frustrações e limites, poderá resultar na formação de indivíduos com traços sociopsíquicos profundamente narcísicos (OLIVEIRA et al., 2013).

Freud (1996, p. 85,) enfatiza o universo intrapsíquico como norteador das relações humanas; sem ignorar o papel da sociedade na formação mental dos indivíduos, bem como dos distúrbios que emergem dessa junção.

> O nosso sofrimento vem de três fontes. Primeiro, o poder superior da natureza. Segundo, a fragilidade do nosso próprio corpo. Terceiro, a inadequação das regras que procuram ajustar os relacionamentos mútuos dos seres humanos na família, no Estado e na sociedade. As duas primeiras nos forçam a reconhecê-las e submetermos a elas como inevitáveis, pois a experiência de milhares de anos nos convence disso. Quanto à terceira fonte de sofrimento, não a admitimos, não podemos perceber porque os regulamentos estabelecidos por nós mesmos não representam proteção e benefício para cada um de nós. Nesse campo de prevenção do sofrimento, como fomos muito malsucedidos, surge aqui em nós, por trás desse fato, uma parcela de natureza inconquistável e, desta vez, uma parcela de nossa própria constituição psíquica.

De acordo com os autores, (Nascimento et al, 2021), o avanço das tecnologias de informação e das redes sociais tornou o mundo mais globalizado, possibilitando aos indivíduos um acesso maior às informações em tempo real a respeito de outras nações e culturas, democratizando variados conteúdos, promovendo uma maior interação das pessoas na esfera política e sociocultural mundial. Entretanto, toda essa mudança tem seu preço social e psíquico.

> Como disse recentemente Harvie Ferguson com sua maneira inimitável: no mundo pós-moderno todas as distinções se tornam fluidas, os limites se dissolvem, e tudo pode muito bem parecer seu contrario; a ironia se torna a sensação perpétua de que as coisas poderiam ser um tanto diferentes, ainda que nunca fundamental ou radicalmente diferentes. (BAUMAN, 2001, p.102)

Bauman (2001) defende que as estruturas sociais que anteriormente apresentavam maior estabilidade, hoje encontram-se mais fluidas, voláteis e incertas, convocando o indivíduo a adaptar-se, reinventar-se e a permanecer sempre disponível para novas demandas.

Para Arendt (2007, p. 164) "[…] a cultura de massas desperta, inicialmente, um outro problema mais fundamental, o do relacionamento altamente problemático entre sociedade e cultura". Assim, a cultura de massa surge quando a sociedade moderna transforma cultura em entretenimento para as massas, degradando obras culturais e favorecendo isolamento, conformismo e apatia política. A cultura deixa de ser um espaço de permanência e reflexão e passa a ser consumida como produto de lazer, a indústria de entretenimento precisa oferecer, constantemente, novos produtos para suprir novas demandas (SILVA;OLIVEIRA, 2023).

1.4 Intolerância ao sofrimento e transformação das experiências humanas em categorias de adoecimento

A sociedade contemporânea é marcada pela cultura mediática e pela busca incessante aos padrões de beleza, valorização da imagem, sendo assim um tempo em que a aparência e a felicidade são ostentadas como formas de reconhecimento. Para Bauman (2001), as relações humanas transformam-se, tornando-se voláteis na medida em que os parâmetros concretos dissolvem-se. A liquidez marcante nas relações humanas é justamente essa inconstância e incerteza presentes na estrutura social nos últimos tempos, podendo resultar em conflitos psicológicos nos indivíduos. São vários os mecanismo para fugir do sofrimento e do mal-estar - o consumo é o grande aliado adotado por muitos. No novo modelo social contemporâneo consome-se de tudo: desde os fastfoods às drogas, de todas as espécies, que anestesiam a dor, promovendo o bem-estar e a felicidade, ainda que momentânea (VILAGRA ; PEREIRA, 2021).

> O momento depressivo pelo qual o sujeito vivencia mostra-se como uma possibilidade e uma oportunidade singulares para a tarefa de saber de si, o que, evidentemente, pode e deverá ser proporcionado mediante um trabalho clínico em psicoterapia. A depressão, do mesmo modo que pela angústia, a ansiedade, o medo, o pânico, as fobias, as paixões enquanto pathos de uma forma geral, o sentimento de "mal-estar" por vezes inefável, enfim, indica em última instância que algo no sujeito clama por uma possibilidade de elaboração subjetiva e compreensão interna (TAVARES, 2010, p. 76 apud VILAGRA;PEREIRA, 2021, p.71).

A depressão descrita pelo autor, é a representação mais marcante nas formas de "mal-estar" na contemporaneidade, que por meio de símbolos, representa o fracasso do sujeito na cultura da performance. Esse mal-estar está presente em virtude da exaltação de um prazer transitório, irreal, determinante de felicidade, que se mostra sob diversas formas. Dentre as quais, destacam-se, o desenvolvimento de valores individualistas que muitas vezes nem o próprio indivíduo percebe; da ansiedade originada pela não aceitação de derrotas quando os objetivos são frustrados ou malsucedidos; e pela falta de modelos e de ideais quando o instrumento desejado não preenche o vazio como esperado (VILAGRA ; PEREIRA, 2021).

Tavares (2010), ressalta que esse raciocínio pode ser compreendido na medida em que consideramos que o sujeito referido somos nós, indivíduos contemporâneos que se recusam a tolerar qualquer possibilidade de sofrimento. Na tentativa de não sofrer, desfrutando tudo que é possível ao próprio ego, sem maior responsabilidade, seria irônico pensarmos que é justamente nessa tentativa de não sofrer é que então sofremos, tal como Freud (1930) nos ensina em, "O mal-estar na civilização", ressaltando que é na defesa contra o sofrimento que habita o próprio "mal-estar".

Para Lipovetsky (2005), na era do vazio existencial, como caracteriza a vida pós-moderna, a crise nos sentidos que atribuímos a nossa existência, acaba nos expondo diretamente ao sentimento de dor e vazio. E, para alguns indivíduos, o vazio assume a forma de apatia, desânimo, tristeza, falta de sentido de si e de perspectiva de vida.

Já Ehrenberg (1997) pontua que enquanto a personalidade neurótica está inscrita em um patologia, a personalidade depressiva pode ser considerada uma doença da insuficiência.

Visto que, ao invés de sentirem-se aprisionados por conflitos internos, os deprimidos são atormentados pelo constrangimento de não estar à altura dos novos padrões da cultura atual, resultando em um sentimento de fragilidade, instabilidade e inadequação.

Fernandes (2001, apud Azevedo, 2025) ressalta que o corpo teve destaque principal no mundo contemporâneo, mantendo-se na linha de frente do sofrimento, frustração e insatisfação, passando a ser o veículo ou meio de expressão da dor, do sofrimento, da angústia e do mal-estar, sentimentos esses, que irão se manifestar em termos psíquicos.

No livro, O mal-estar na civilização (1996), Freud retrata que o sofrer nos ameaça a partir de três aspectos: do próprio corpo, que destinado ao enfraquecimento e a transformação não pode sequer dispensar a dor e o medo, como sinais de advertência; do mundo externo, que pode se abater sobre nós com forças poderosas, implacáveis e destruidoras; e por fim, das relações com outros seres humanos, sendo este o mais doloroso do que qualquer outro tipo de sofrimento.

Conforme Birman (2012), no mundo contemporâneo, as pessoas recorrem com mais frequência aos ‘médicos clínicos para tratar algum mal-estar corporal. Na maioria das vezes, esses clínicos recebem na maioria das demandas, queixas relacionadas ao sofrimento psíquico de seus pacientes. Entretanto, como a prática clínica vem assumindo uma tendência mais técnica; o clínico não acolhe mais psiquicamente o paciente, apenas tenta amenizar seus sintomas através de uma medicalização ostensiva.

1.5 Tratamento farmacológico com antidepressivos e os impactos socioambientais dos resíduos farmacêuticos

1.5.1 Tratamento farmacológico com antidepressivos

Para Frozi (et al., 2018, apud Vargas; Martins: Marquez,2022) a depressão é um transtorno de humor caracterizado por sentimentos de tristeza, desamparo, inutilidade, isolamento, alterações no apetite com ganho ou perda de peso, insônia ou sonolência excessiva, desconforto físico, fadiga, pensamentos negativos e diminuição da concentração.

De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS) estimou-se que, no primeiro ano da pandemia do coronavírus, houve um aumento significativo nos índices de ansiedade e depressão em decorrência do isolamento social, solidão, medo de infecção, luto, preocupações financeiras e insegurança.

De acordo com os autores (Machado et al. 2024) o uso de antidepressivos é o mais indicado no tratamento da depressão, os inibidores seletivos de recaptação de serotonina (ISRS) agem inibindo a absorção de serotonina pelos neurônios, sendo esta a classe de antidepressivos mais utilizados, devido ao fato de apresentarem menos efeitos colaterais do que os antidepressivos cíclicos, sendo normalmente a primeira escolha no tratamento da depressão. Além da depressão, os ISRS são indicados também para síndrome do pânico, ansiedade, fobia social, Transtorno Obsessivo Compulsivo (TOC), dentre outros. Os inibidores da recaptação de serotonina e norepinefrina (ISRSN) agem inibindo a absorção de serotonina e norepinefrina pelos neurônios, aumentando a quantidade desses neurotransmissores no cérebro, podendo também ter um reduzido efeito na recaptação da dopamina. São indicados para tratar a depressão, transtorno da ansiedade generalizada (TAG), fibromialgia, dentre outros. Já os inibidores da monoaminoxidase (IMAO) agem inibindo a enzima monoaminoxidase no cérebro, que é responsável por inativar neurotransmissores, como dopamina, serotonina e noradrenalina, para evitar o acúmulo dessas substâncias no cérebro. Essa classe de medicamentos é indicada para o tratamento do transtorno depressivo maior, quando outros antidepressivos não forem eficazes (VARGAS; MARTINS; MARQUEZ, 2022).

Ainda de acordo com os autores, há algumas limitações na eficácia no tratamento, podendo ocorrer quando o medicamento é interrompido antes de 3 a 4 semanas. Sendo este, um tempo médio para resposta, todavia alguns pacientes podem levar mais de 8 semanas para obter uma resposta eficaz. Nesse sentido, a escolha do antidepressivo dependerá das características clínicas no início da depressão, dos efeitos colaterais do medicamento e da história de reações pessoais ou familiares anteriores à administração da substância, com base na eficácia do medicamento.

1.5.2 Impactos socioambientais dos resíduos farmacêuticos

A utilização de antidepressivos não termina no momento em que são ingeridos. Fármacos e metabólitos podem ser eliminados pelo organismo e alcançar sistemas de esgoto e ambientes aquáticos.

Segundo comunicação científica divulgada por pesquisadores vinculados ao Projeto EcoShark/UFRJ, sob coordenação da professora Mariana Batha Alonso, do Instituto de Biofísica Carlos Chagas Filho da UFRJ, com a colaboração dos cientistas José Neto e Victor Alves, foi encontrada sertralina em tecido cerebral de tubarões-martelo capturados no litoral do Rio de Janeiro. O estudo foi publicado na plataforma *The* Conversation em 2026 e posteriormente reproduzido por veículos de divulgação científica, sendo esta uma iniciativa pioneira sobre contaminantes emergentes em elasmobrânquios. Para os pesquisadores, o caso mostra que saúde mental, saneamento e conservação ambiental estão conectados, tendo em vista que medicamentos quando são descartados sem controle, podem deixar marcas "invisíveis" no oceano (ALONSO;VAZQUEZ, 2026).

A sertralina é considerada o antidepressivo mais prescrito do Brasil. Quando uma pessoa a consome, o organismo metaboliza grande parte do fármaco no fígado, em seguida é eliminada pela urina, que segue até o esgoto e finalmente chega até o mar. As estações convencionais de tratamento de esgoto foram projetadas principalmente para remover matéria orgânica, nutrientes e microrganismos, no entanto, a remoção de compostos farmacêuticos costuma ser incompleta. Por isso, resíduos de antidepressivos e seus metabólitos são detectados em efluentes tratados e em ambientes aquáticos.

A trajetória pode ser representada simbolicamente: humano → medicamento → organismo → excreção → esgoto → ambiente → organismos aquáticos → cadeia alimentar → tubarão.

Ressalta-se que o caso dos tubarões foi utilizado meramente como ilustração da circulação ambiental de psicofármacos, e não como prova de uma relação causal entre sofrimento psíquico, medicalização e danos ecológicos.

É importante, contudo, respeitar os limites científicos do achado. A própria divulgação do estudo enfatiza que a detecção da sertralina no cérebro dos animais não permite concluir, isoladamente, que tenha ocorrido alteração comportamental ou fisiológica.

A investigação de tais efeitos permanece com uma questão científica em aberto.

É justamente essa diferença entre o que sabemos e o que ainda não sabemos que torna o caso cientificamente interessante. Quem predará quem quando o sofrimento humano é transformado em mercadoria, a dor em sintoma, o sintoma em diagnóstico, o diagnóstico em consumo e o consumo em contaminante ambiental.

O que é invisível no corpo humano pode tornar-se visível no corpo do animal. O comprimido que parece terminar no indivíduo pode continuar sua trajetória no ambiente.

É nesse sentido que o tubarão deixa de ser simplesmente "a vítima da contaminação" e passa a ser testemunha biológica de uma cadeia social em desequilíbrio. Quando encontramos no cérebro de um tubarão uma substância criada para interferir no sofrimento humano, será que estamos diante apenas de um problema ambiental — ou diante do reflexo material de uma sociedade que já não sabe muito bem o que fazer com a própria dor.

2. DESENVOLVIMENTO

2.1 Material e Métodos

O presente estudo foi desenvolvido por meio de pesquisa bibliográfica, de abordagem qualitativa e natureza exploratório-descritiva sem coleta de dados primários. Essa escolha justificou-se não apenas pela natureza teórico-conceitual da maioria dos objetivos, mas também porque a dimensão socioambiental do objetivo específico 3 depende de estudos ecotoxicológicos já publicados (ou em processo de revisão por pares, como o caso do Projeto EcoShark/UFRJ) — não sendo viável, nem pertinente ao escopo desta pesquisa em Psicologia, a coleta de novas amostras ambientais.

Para o levantamento dos dados, utilizou-se bases de dados científicas indexadas (SciELO, ResearchGate, SCRIBD, BVS/Biblioteca Virtual em Saúde, e periódicos internacionais de ecotoxicologia), sendo as buscas realizadas entre agosto de 2026 a outubro de 2026, utilizadas as palavras-chaves: "Medicalização. Sofrimento Psíquico. Cultura da Performance. Consumo de Antidepressivos".

Além de obras teóricas de referência sobre medicalização e patologização (Foucault, Conrad, Illich, Birman); em Bauman e Arendt para a discussão sobre a cultura da performance e racionalidade burocrática em reportagens especializadas

sobre o estudo EcoShark/UFRJ, tratadas com o mesmo cuidado metodológico já demonstrado na justificativa quanto ao caráter preliminar dos resultados.

Dentre 15 artigos utilizados na construção do referencial teórico (14 em português e 1 em inglês com tradução) e 17 livros (14 em português e 3 em inglês com tradução) publicados entre 1975 e 2026; priorizou-se como corpus principal, 7 artigos e 2 livros, cujas ideias principais dos autores foram sintetizados no Quadro 1 (p.15-16).

A partir daí, pretendeu-se responder a questão norteadora: de que maneira a cultura da performance e da produtividade podem contribuir para a medicalização do sofrimento psíquico na sociedade contemporânea, e quais repercussões esse processo poderá produzir nas práticas de cuidado e no meio socioambiental?

O material selecionado foi organizado por meio de análise temática de conteúdo, em três eixos correspondentes aos objetivos específicos: (1) limites entre sofrimento psíquico cotidiano, sofrimento social e transtorno mental; (2) relações entre cultura da performance, intolerância ao sofrimento e medicalização à luz de Bauman e Arendt; e (3) dimensão socioambiental do consumo e descarte de antidepressivos.

A hipótese foi examinada por meio do confronto entre sua proposição — de que a cultura contemporânea da performance favorece a medicalização de experiências humanas cotidianas, com repercussões também relacionadas ao consumo e descarte de medicamentos — e as evidências reunidas na literatura consultada. A verificação teve caráter teórico-conceitual: a hipótese foi considerada sustentada à medida em que os achados da literatura convergiram para essa proposição, sendo eventuais lacunas discutidas como limites da análise bibliográfica — inclusive quanto ao caráter ainda preliminar dos dados sobre contaminação ambiental.

2.2 Resultados e Discussão

No quadro abaixo, realizou-se uma síntese das principais ideias dos autores pesquisados sobre a cultura da performance e a medicalização do sofrimento psíquico. Em seguida, apresentou-se uma análise crítica com base na fundamentação teórica, elucidando as principais contribuições para o problema de pesquisa.

Quadro 1: Artigos (7) e livros (2) que compõem o corpus principal:

Autor (es)	Título	Cultura da performance e medicalização do sofrimento psíquico
ANDRADE, Antônio dos Santos et al. 2016	Vivências Acadêmicas e Sofrimento Psíquico de Estudantes de Psicologia	Para os autores, o sofrimento psíquico decorre de experiências e situações cotidianas que afetam a subjetividade do indivíduo, como perdas, frustrações, conflitos internos, mudanças e crises existenciais, sem que isso resulte em um transtorno. Evidenciam sintomas como insônia, ansiedade, cansaço, esquecimento e queixas somáticas decorrentes dessas vivências.
AZEVEDO, Luciana J. C. 2025	As bases teóricas da medicalização e seus efeitos na clínica contemporânea	A medicalização consiste em um fenômeno predominantemente sociocultural, contudo apresenta tendências históricas, políticas e econômicas, tendo foco principal a nova interpretação de comportamentos que anteriormente não eram reconhecidos como médicos, serem transformados em "coisa médica."
BAUMAN, Zigmunt, 2001	Modernidade Líquida (livro)	É aquela cuja inversão de papéis resulta em uma sociedade que tende mais a aproximar o indivíduo aos modelos estruturais já estabelecidos; agora é ela, a própria sociedade, quem se aproxima à personalidade dos indivíduos.
BEZERRA, Daniela S. et al., 2025	Sofrimento psíquico ou transtorno Mental? Impasses Clínico-políticos…	O sofrimento social pode gerar sofrimento psíquico, e ambos podem contribuir para o desenvolvimento ou agravamento de um transtorno mental. É relevante uma compreensão aprofundada desses fenômenos para práticas de saúde mental que considerem os aspectos individuais, sociais e clínicos, evitando interpretações errôneas e equivocadas.
MACHADO, Keyla L. B. et al., 2024	O Cuidado farmacêutico no tratamento da depressão: uma revisão integrativa	o uso de antidepressivos é o mais indicado no tratamento da depressão, os inibidores seletivos de recaptação de serotonina (ISRS) agem inibindo a absorção de serotonina pelos neurônios, sendo esta a classe de antidepressivos mais utilizados, devido ao fato de apresentarem menos efeitos colaterais do que os antidepressivos cíclicos, sendo normalmente a primeira escolha no tratamento da depressão.

NASCIMENTO, Valdir A. do et al (orgs), 2021	Transtornos Mentais e Sociedade: vãos do sofrimento Psíquico em perspectiva multidisciplinar (livro)	A doença mental não pode ser considerado de maneira isolada do indivíduo, ele está além do biológico, tendo em vista que a sociedade na qual ele vive, a partir das convenções sociais, irá determinar quem é normal ou anormal.
SILVA, Thamara T. Lopes e Silva: OLIVEIRA, José L. de, 2023	O fenômeno da Cultura de massas em Hannah Arendt	A cultura deixa de ser um espaço de permanência e reflexão e passa a ser consumida como produto de lazer, a indústria de entretenimento precisa oferecer, constantemente, novos produtos para suprir novas demandas.
VARGAS, I.M. MARTINS, P.S. MARQUEZ, C C.O., 2022	A contribuição do Farmacêutico no Tratamento Farmacológico Da depressão	A depressão é um transtorno de humor caracterizado por sentimentos de tristeza, desamparo, inutilidade, isolamento, alterações no apetite com ganho ou perda de peso, insônia ou sonolência excessiva, desconforto físico, fadiga, pensamentos negativos e diminuição da concentração.
VILAGRA, Laynara S. PEREIRA, Thamires R 2021.	Depressão na Adolescência e o vazio existencial na contemporaneidade	A depressão é a representação mais marcante nas formas de "mal-estar" na contemporaneidade, que por meio de símbolos, representa o fracasso do sujeito na cultura da performance. Esse mal-estar está presente em virtude da exaltação de um prazer transitório, irreal, determinante de felicidade, que se mostra sob diversas formas.

A proposta da análise apresentada foi correlacionar as principais abordagens dos autores sobre o tema pesquisado, articulando as suas convergências, divergências e abordagens complementares em três eixos centrais: (1) limites entre sofrimento psíquico cotidiano, sofrimento social e transtorno mental; (2) relações entre cultura da performance, intolerância ao sofrimento e medicalização à luz de Bauman e Arendt; e (3) dimensão socioambiental do consumo e descarte de antidepressivos.

Para tal, utilizou-se a literatura pesquisada, e também o Gemini, a partir das palavras-chave: "análise dos autores da tabela" com acesso em 9 de outubro de 2026.

Bauman (2001) descreve uma transição em que a sociedade deixa de apenas enquadrar e aproximar o indivíduo a modelos estruturais rígidos e pré-estabelecidos, passando a própria estrutura social a moldar-se e a aproximar-se da personalidade e subjetividade dos indivíduos. Esta dinâmica evidencia como o sofrimento social interage com o sofrimento psíquico, podendo ambos desencadear ou agravar transtornos mentais.

Destaca-se a necessidade de integrar aspectos individuais, sociais e clínicos para evitar interpretações equivocadas na saúde mental.

> A desintegração da rede social, a derrocada das agências efetivas de ação coletiva, é recebida muitas vezes com grande ansiedade e lamentada como "efeito colateral" não previsto da nova leveza e fluidez do poder cada vez mais móvel, escorregadio, evasivo e fugitivo. Mas a desintegração social é tanto uma condição quanto um resultado da nova técnica do poder, que tem como ferramentas principais o desengajamento e a arte da fuga. Para que o poder tenha liberdade de fluir, o mundo deve estar livre de cercas, barreiras, fronteiras fortificadas e barricadas. Qualquer rede densa de laços sociais, e em particular uma que esteja territorialmente enraizada, é um obstáculo a ser eliminado. Os poderes globais se inclinam a desmantelar tais redes em proveito de sua continua e crescente fluidez, principal fonte de sua força e garantia de sua invencibilidade. E são esse derrocar, a fragilidade, o quebradiço, o imediato dos laços e redes humanos que permitem que esses poderes operem (BAUMAN, 2001, p.21-22).

Nesse contexto, Bauman (2001) articula a perspetiva sociocultural ao sofrimento social e as dinâmicas contemporâneas que afetam diretamente o indivíduo, gerando sofrimento psíquico que pode evoluir ou agravar transtornos mentais.

Em relação à construção social da normalidade, Nascimento et al. (2021) ressaltam essa perspectiva ao apontar que a doença mental transcende o biológico, sendo as convenções da sociedade que determinam quem é considerado "normal" ou "anormal".

Para os autores, Silva; Lopes e Silva; Oliveira (2023), a cultura da performance deixou de ser um espaço de reflexão crítica para se tornar produto de consumo imediato e lazer. Esta mercantilização articula-se com a análise de Vilagra;Pereira (2021), que situam a depressão, como expressão de mal-estar gerado pela exaltação de prazeres transitórios e irreais ofertados pela sociedade.

É nesse contexto de incertezas e fluidez que o homem pós-moderno se vê, cercado de um mundo desprovido de sentido, no qual ele é o único responsável por si mesmo e pelas suas ações, não havendo mais deuses que o possam resgatar de momentos de angústia existencial, ou nas palavras de Sartre (1978,p.9), "condenado porque não se criou a si próprio; e, no entanto, livre, porque uma vez lançado ao mundo, é responsável por tudo quanto fizer".

Nesse sentido, que Bauman (2001) em modernidade líquida ressalta que a pós-modernidade reflete uma crise de identidades, um descentramento do sujeito que irá obrigar que o homem pós-moderno elabore múltiplas formas de interagir com o outro e consigo, tendo em vista que a sociedade não tende mais a conformar o indivíduo aos parâmetros estruturais pré-estabelecidos; agora é a sociedade quem

se conforma à personalidade dos indivíduos. Nessa perspectiva, a solidez de uma época marcada por certezas a respeito do mundo e suas determinações religiosas, políticas e socioculturais foi substituída por um mundo liquefeito, diluído e inconsistente.

À vista disso, Arendt (2009,p.250) acredita que é preciso estabelecer como se dará a relação entre a sociedade de massas e a questão da cultura performática ,ou seja:

> […] a sociedade,na acepção de 'boa sociedade',compreendia aquelas parcelas da população que dispunham não somente de dinheiro,mas também de lazer,isto é,de tempo a devotar 'à cultura',a sociedade de massas indica com efeito um novo estado de coisas no qual a massa da população foi a tal ponto liberada do fardo de trabalho fisicamente extenuante que passou a dispor também de lazer de sobra para a 'cultura'.

Todavia, o anseio da sociedade massificada não é pela cultura, mas sim pela diversão,e os produtos oferecidos pela indústria de entretenimento são consumidos pelos indivíduos exatamente como qualquer outro bem de consumo. Esses produtos,ainda que não façam parte das necessidades fisiológicas do ser humano,servem à engrenagem,a qual move a sociedade, para preencher o tempo vago,que, nada mais é, além de uma pausa no ciclo de trabalho. Para a autora, as mercadorias que a indústria de entretenimento proporciona não são objetos culturais, nem tampouco são valores que existem para serem usados e trocados. Entretanto,são bens de consumo, destinados a se extinguem com o uso, assim como outros produtos. Estes, no ponto de vista do consumismo, serão constantemente produzidos e ofertados às massas garantindo a sua continuidade num ciclo infinito de necessidades voláteis (GOOGLE, 2026).

Andrade et al (2016) e Azevedo (2025) enquadram o sofrimento psíquico como algo decorrente de experiências do cotidiano (crises existenciais, perdas, frustrações e conflitos internos) que não constituem necessariamente um transtorno psiquiátrico formal. Evidencia sintomas como insônia, ansiedade, cansaço, esquecimento e queixas somáticas decorrentes dessas vivências.

Bezerra et al. (2025) e Azevedo (2025) analisam a medicalização como um fenômeno predominantemente sociocultural, com fortes componentes históricos, políticos e econômicos. O processo central reside na reinterpretação de comportamentos e vivências normais da existência humana que, ao serem redefinidos, passam a ser tratados como "patologias" ou "coisas médicas".

Já Vilagra e Pereira (2021) concordam que a depressão surge frequentemente como a representação simbólica dos fracassos cotidianos do sujeito. Em contraste à crítica sociológica, Vargas; Martins; Marquez (2022) e Machado et al. (2024) abordam a depressão, a partir de sua caracterização patológica e clínica, conceituam a depressão como um transtorno de humor caracterizado por sintomas biológicos, afetivos e cognitivos específicos (tristeza, isolamento, alterações de peso, insônia, sonolência, e desconforto físico).

Para Vargas; Martins e Marquez (2022) o tratamento farmacológico da depressão envolve a utilização de medicamentos antidepressivos que podem atuar como inibidores seletivos de recaptação de serotonina, noradrenalina, antidepressivos tricíclicos, antagonistas dos receptores da serotonina, inibidores das monoaminoxidases dentre outros. Pontuam que, para cada paciente deve ser realizada uma análise médica do quadro depressivo, e uma análise farmacológica da reação deste medicamento no organismo humano. Após o início do tratamento com antidepressivos, o tratamento geralmente é adiado por 3/4 semanas antes que ocorra uma resposta significativa ao tratamento. Este é o tempo médio, porque alguns pacientes podem responder ao tratamento antidepressivo de 3 a 4 semanas, enquanto outros podem levar mais de 8 semanas para obter uma resposta mensurável.

Machado et al. (2024) apontam os Inibidores Seletivos de Recaptação de Serotonina (ISRS) como a primeira escolha no tratamento medicamentoso, por apresentarem menor incidência de efeitos secundários frente aos antidepressivos cíclicos. Os transtornos depressivos são manifestações de sintomas que podem ter origens psicológicas, orgânicas e hereditárias. Aliado a isso, afirmam-se que a depressão resulta em um tipo de angústia que possui um impacto significativo na vida das pessoas, que poderá afetar indivíduos de todas as idades e classes sociais. Os indivíduos acometidos podem apresentar alterações de humor em resposta aos eventos cotidianos. Sendo assim, a psicoterapia aliada ao tratamento medicamentoso, torna-se de suma relevância devido à sua eficácia comprovada, proporcionando uma significativa melhoria no bem-estar e na qualidade de vida dos pacientes depressivos.

No campo socioambiental, pretendeu-se discutir sobre a presença de antidepressivos e outros fármacos em ambientes aquáticos, com base no caso dos tubarões-martelo.capturados no litoral do Rio de Janeiro, assume relevância nesta pesquisa.

Entretanto, esse caso foi utilizado meramente como ilustração da circulação ambiental de psicofármacos, e não como prova de uma relação causal entre sofrimento psíquico, medicalização e danos ecológicos.

De acordo com Alonso e Vasquez (2026), pesquisadores relataram a identificação de sertralina em tecido cerebral de tubarões-martelo capturados no litoral do Rio de Janeiro. O achado foi divulgado por Mariana Batha Alonso e Leonardo Vazquez em artigo publicado no *The Conversation* e posteriormente reproduzido por veículos de divulgação científica.

O achado é relevante porque desloca a questão dos psicofármacos para uma escala ambiental. A substância que foi produzida para atuar sobre o sistema nervoso humano aparece agora em outro organismo.

Uma pessoa toma um comprimido, daí a reação em cadeia: O organismo metaboliza;

O metabólito é eliminado; o esgoto transporta; o sistema de tratamento remove apenas parte das substâncias; o ambiente recebe o contaminante; um organismo aquático é exposto; um predador acumula substâncias; e então encontramos sertralina no cérebro de um tubarão. A cadeia inteira é composta por ações aparentemente pequenas (GOOGLE, 2026).

O tubarão, então, torna-se uma espécie de espelho ecológico da sociedade.

É nesse sentido que o tubarão deixa de ser simplesmente “a vítima da contaminação” e passa a ser testemunha biológica de uma cadeia social. Aquilo que a sociedade não vê no próprio cotidiano aparece no organismo de outro ser vivo (GOOGLE, 2026).

A reflexão de Bauman em Modernidade e Holocausto (1998) complementa a discussão de Arendt ao analisar a racionalidade burocrática e a fragmentação da responsabilidade.Em sistemas altamente especializados, uma ação pode ser dividida entre diferentes agentes: alguém produz, outro prescreve, outro vende, outro administra, outro consome, outro elimina os resíduos e outro sofre as consequências ambientais. A fragmentação pode tornar difícil perceber a totalidade do processo.

A presente pesquisa não parte da hipótese de que antidepressivos sejam desnecessários, e sim da compreensão de que sua indicação, manutenção, associação com psicoterapia e eventual retirada devem ser individualizadas.

A contribuição proposta foi uma articulação crítica entre medicalização do sofrimento, cultura da performance e circulação ambiental de psicofármacos, além de suscitar um pensamento crítico, reflexivo, ético, profissional e social, tanto para os profissionais da área de saúde, quanto para a população de modo geral.

3. CONCLUSÃO

Retomando o problema de pesquisa: de que maneira a cultura da performance e da produtividade podem contribuir para a medicalização do sofrimento psíquico na sociedade contemporânea, e quais repercussões esse processo poderá produzir nas práticas de cuidado e no meio socioambiental?

A análise bibliográfica sugere que determinadas exigências contemporâneas de produtividade e desempenho podem contribuir para interpretações medicalizantes do sofrimento psíquico, especialmente quando experiências humanas complexas são reduzidas a manifestações sintomáticas individuais. Entretanto, essa relação não é automática nem permite desconsiderar a legitimidade dos diagnósticos e tratamentos farmacológicos. O caso EcoShark amplia a discussão ao evidenciar a presença de resíduos farmacêuticos em organismos marinhos, sem estabelecer uma relação causal direta com a cultura da performance. Dessa maneira, a principal contribuição do estudo consiste em defender uma compreensão integrada do sofrimento humano, articulando dimensões psicológicas, sociais, clínicas e socioambientais.

Nesse aspecto,a medicalização pode dialogar com a Psicologia, sem transformar o medicamento em antagonista, pois o seu uso adequado poderá reduzir os sintomas da depressão, aliado à escuta psicológica favorecendo o tratamento na integralidade. A presente pesquisa não parte da hipótese de que antidepressivos sejam desnecessários, e sim da compreensão de que sua indicação, manutenção, associação com psicoterapia e eventual retirada devem ser individualizadas.

Na cultura performática, assim como na modernidade líquida de Bauman, as estruturas que anteriormente ofereciam maior estabilidade, encontram-se submetidas à fluidez, à transformação e à incerteza.

Não podemos afirmar que a presença da sertralina encontrada no cérebro de tubarões-martelo no litoral do Rio de Janeiro, demonstre, por si só, dano ambiental ou alteração comportamental, sabendo-se que os resultados da pesquisa ainda precisariam ser considerados dentro dos limites de uma investigação científica revisada por pares. Todavia, a ideia é utilizar esse acontecimento como ponto de partida para uma reflexão sobre a dimensão social do fenômeno.

A contribuição proposta pela pesquisa foi articular criticamente a medicalização do sofrimento, cultura da performance e circulação ambiental de psicofármacos, suscitando um pensamento crítico, reflexivo, ético, profissional e social, tanto para os profissionais da área de saúde, quanto para a população de um modo geral.

REFERÊNCIAS

ALONSO, Mariana Batha; VAZQUEZ, Leonardo. Scientists find antidepressant in the brains of sharks off the coast of Rio de Janeiro. ***The Conversation***, 25 jun. 2026. Disponível em: >https://theconversation.com/biologos-encontram-antidepressivo-no-cerebro-de-tubaroes-do-litoral-do-rio-de-janeiro-285217. <Acesso em 9 set.2026.

ANDRADE. Antônio dos S. et al. **Vivências Acadêmicas e Sofrimento Psíquico de Estudantes de Psicologia. Psicologia: Ciência e Profissão.** Out/Dez. 2016 v. 36 n°4, 831-846.>Disponível em:https://www..scielo.br/j/pcp/a/RTkfTtDv3sRKHGT? <Acesso em 9 set. 2026.

ARENDT, Hannah. **Eichmann em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

ARENDT, Hannah. (1906-1975). **Entre o Passado e o Futuro**. [Tradução: Mauro W. Barbosa]. – 8. ed. São Paulo, SP, Brasil: Editora Perspectiva, 2007 – (Debates: 64 / dirigida por J. Guinsburg).

AZEVEDO, Luciana J.C. de. **As bases teóricas da medicalização e seus efeitos na clínica contemporânea**: patologização e sofrimento. (Pós-doutorado) Psicologia USP, 2025, vol.36.>Disponível em:https://revistas.usp.br/psicousp/pt_BR/ articlevie? <Acesso em 9 set.2026.

BAUMAN, Zygmunt. ***Modernidade e Holocausto***. Tradução de Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. 1.ed. Rio de Janeiro: J. Zahar Ed., 2001.

BERTOLACCINI, Ana Julia; SILVESTRE, Yasmin; SOAVE, Larissa. Cientistas encontram antidepressivo em cérebro de tubarões-martelo no RJ. CNN Brasil, São Paulo, 21 jun. 2026.>Disponível em>https://www.cnnbrasil.com.br/ciencia/cientistas-encontram-antidepressivo-em-cerebro-de-tubaroes-martelo-no-rj/.<Acesso em 9 set. 2026.

BEZERRA Daniela S. *et al.* Sofrimento psíquico ou transtorno mental?: Impasses clínico-políticos entre demanda e acolhimento. **Revista Analytica**. São João del-Rei. v. 14 n. 28 Julho/Dez. 2025.>Disponível em:<https://periodicos.ufsj.edu.brview? < Acesso em 9 set.2026.

BIRMAN, J. (2012). **O sujeito na contemporaneidade**. Rio de Janeiro, RJ: Civilização Brasileira.

BRASIL. Ministério da Saúde. Centro de Estudo e Pesquisa em Saúde Coletiva. (2013). Guia prático de matriciamento em saúde mental.<Disponível em:>https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/guia_pratico_matriciamento_saude mental.pdf<Acesso 20 set.2026.

CONRAD, Peter. (2007). **The medicalization of Society:** on the transformation of human conditions into treatable disorders. Baltimore, MD: The Johns Hopkins University.

EHRENBERG, Alain. **The weariness of the self: diagnosing the history of depression in the contemporary age**. Montreal: 1997. McGill-Queen's University Press.

ERIKSON, Erik H. **Autobiographic notes on the identity crisis**. *Daedalus*, v. 99, n. 4, p. 730-759, 1970. >Disponível em:<https://pt.scribd.com/document/476092112/Erikson-Erik-Autobiographic-Notes-on-the-Identity-Crisis-copy. <Acesso em 9 set. 2026.

FOUCAULT, M.(2008). **Microfísica do Poder.** Rio de Janeiro, RJ: Graal. Fernandes,

FERNANDES. M. H. (2001). **As formas corporais do sofrimento: a imagem da hipocondria.** Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental, 4(4), 61-80. Disponível em>https://www.scielo.br/j/rlpf/a/Z6dzkbtc3k4yYp5Sk6DRPkR/?lang=pt.<Acesso em 9 set.2026.

FREUD, Sigmund. **O mal-estar na civilização**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Originalmente publicado em 1929).

FROZI, J.; MONDRZAK, R.; LEJDERMAN, B.; SPANEMBERG, L..**Tratamento farmacolólico da depressão unipolar**.BSVALUD, 2018. >Disponível em: https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-881108. <Acesso em 9 set.2026.

GOOGLE.Gemini. android-min-version=301356232&ios-min-version=322 . Resposta à consulta sobre [análise dos autores da tabela]. [S.l.]: Google LLC, [2026]. >Disponível em: https://gemini.google.com. <Acesso em: 09/10/2026.

ILLICH, I. (1975). **A expropriação da saúde**: nêmesis da medicina. São Paulo, SP: Nova Fronteira.

LIPOVETSKY, G. **A era do vazio**. Barueri, SP: Manole, 2005.

MACHADO. Keyla L. B. et al. Artigo de Revisão. O cuidado farmacêutico no tratamento da depressão: uma revisão integrativa. **Revista** CPAQV – Centro de Pesquisas Avançadas em Qualidade de Vida. Vol.16, Nº.2, Ano 2024, p. 2.> Disponível emhttps://revista.cpaqv.org/index.php/CPAQV/article/view/1880.Acesso em set .2026.

MATÉ, Gabor. **O mito do normal**: trauma, saúde e cura em uma cultura tóxica. Rio de Janeiro: Sextante, 2022.

NASCIMENTO, Valdir A. do. **Transtornos Mentais e Sociedade:vãos e desvãos do sofrimento psíquico em perspectiva multidisciplinar**. NASCIMENTO et al. (Orgs). Londrina: Ed. Científica,2021.

OLIVEIRA, C. P. F.; SOUZA, D. E.; MACÊDO, K. B. **A cultura e a contemporaneidade da clínica psicanalítica**. Goiânia: Editora Kelps, 2013.

PINHEIRO, C. V. de Q.; ALBUQUERQUE, K. M. de. **Psicopatologia e Saúde Mental**: Questões sobre os Critérios que Orientam a Percepção Clínica. Revista Subjetividades. v. 14, n. 1.Disponível em >https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2359-07692014000100002.<Acesso em 9 set.2026.

ROGERS, Carl R. **Tornar-se pessoa**. São Paulo: Martins Fontes, 2009. Originalmente publicado em 1961.

SARTRE, J-P. **O existencialismo é um humanismo.** Tradução de Vergílio Ferreira. São Paulo: Abril Cultural, 1978. (Coleção Os pensadores).

SCALEA, Patricia. **Cientistas encontram antidepressivo em cérebro de tubarões-martelo no RJ**. *CNN Brasil*, São Paulo, 21 jun. 2026. Disponível em: CNN Brasil. Acesso em: 20 ago. 2026.

SILVA,Thamara T. Lopes e Silva; OLIVEIRA, José L. de.O fenômeno da cultura de massas em Hannah Arendt.**Revista de Ciências Humanas,** v. 4, n. 23. Dossiê Especial, 2023. Disponível em https://periodicos.ufv.br/RCH/issue/view/568. >Acesso em 25 set.2026.

SOUSA, Aléxia. Biólogos encontram antidepressivo no cérebro de tubarões no litoral do RJ. Folha de S.Paulo, Rio de Janeiro, 5 jul. 2026.

TAVARES, LAT. **A depressão como "mal-estar" contemporâneo:** medicalização e (ex)-sistência do sujeito depressivo [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. Disponível em:< https://static.scielo.org/scielobooks/j42t3/pdf/tavares-9788579831003.pdf..Acesso em: 20 ago. 2026.

VARGAS, I. M.; MARTINS, P. S.; MARQUEZ, C. O.. **A contribuição do farmacêutico no tratamento farmacológico da depressão**: uma revisão. Scire Salutis, v.12, n.1, p.74-81,Disponivel em>https://sciresalutis.com/index.php/sciresaluti/articleview/6433/3449.<Acesso em: 20 ago. 2026.

VILAGRA, Laynara S.; PEREIRA,Thamyres R. **Depressão na adolescência e o vazio existencial na contemporaneidade**. In: NASCIMENTO, Valdir A. do. Transtornos Mentais e Sociedade:vãos e desvãos do sofrimento psíquico em perspectiva multidisciplinar. (Orgs). Londrina: Ed. Científica. >Disponível em: 2021.https://repositorio.pgsscogna.com.br/bitstream/123456789/33766/1/Transtornos%20mentais%20e%20sociedade.pdf. <Acesso em 20 ago.2027.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Mental health and COVID-19: early evidence of the pandemic's impact: scientific brief**. Geneva: World Health Organization, 2022. >Disponível em: World Health Organization. <Acesso em: 20 ago. 2026.